

Quem se lembra do Cine Trianon? +

Sylvio Costa
Fotos de Cyro Denaday

“É preciso um homem de pulso ir lá na Prefeitura saber de quem é isto. Eu não posso, porque sou mulher... mas não tem quem faça isso. Esse negócio é um mistério. De vez em quando, aparecem uns molecotes tirando tijolo. A gente pergunta o que é e eles dizem que vão demolir até o fim do mês. Depois não voltam. É um mistério...”

Gesticulando muito, as palavras são de uma vizinha do Cine Trianon. Ou melhor, vizinha do que sobrou do Cine Trianon: parte da fachada, nada das paredes laterais e uns pedaços de seu fundo, além do mato que não pára de crescer. Restou ainda um certo toque patético que aquele prédio completamente em ruínas dá à paisagem tão urbana, e tão “classe média” de Jucutuquara, ali situado entre a Avenida Paulino Müller e a Alberto Torres.

Pois é esse resto de prédio que vizinhos como a senhora que reclamava a falta de “um homem de pulso” pretendem derrubar. A mulher, residente em Jucutuquara há décadas e de uma tradicional família da cidade, protestou: “Isso está uma nojeira. Fizeram dele mictório. É mato, é lixo, é a calçada que fica toda suja, enchendo tudo de mosca...”

“DERRUBASSEM ESSA PORQUEIRA”

Inaugurado no início da década de 50, o Cine Trianon foi uma opção de lazer e cultura para a população da ilha até o final dos anos 60. Nessa época, a erradicação de cafezais levava à miséria milhares de camponeses que fugiam para a zona urbana; criava-se a Fundação Cultural do Espírito Santo; implantavam-se o Banded e o sistema de incentivos estaduais que serviu e serve de amparo aos “grandes projetos” e à industrialização do Estado; enfim, nessa época, quando Vitória começava a deixar de ser ilha para se tornar uma minimetrópole, o Trianon foi fechado para sempre.

O comissário de menores Tita Gianordoli, é um dos que mais conhecem a história dessa velha casa de exibição. Procurado em sua casa em Jucutuquara, onde vive desde os tempos em que o Trianon embalava os dias (ou noites) da juventude local, ele preferiu guardar o que sabe para si em função da lei que proíbe declarações públicas de funcionários da Justiça.

O mesmo ocorreu com a senhora que não pára de falar da

“Você tem alguma coisa para fazer hoje?”

Imagina-se que a forma de convidar não tenha mudado muito de lá para cá. Os objetivos, sim, poderiam variar. E, sobretudo, mudou o programa. Não são diferentes somente os títulos dos filmes. O cinema já não é mais o mesmo: onde estará, afinal, o Cine Trianon?

Onde sempre esteve, naturalmente, enquanto não cede espaço à construção de um espigão. Cercado por uma vizinhança

conservadora que não aguenta mais esperar o fim do matagal no qual a antiga sala de espetáculos se transformou, o Cine Trianon, é hoje, somente, um amontoado de recordações que sequer possibilitam situá-lo com precisão num determinado contexto histórico-social.

Um pouco do que foi o Trianon — e do que eram a Vitória-ilha, a Vitória-província dos anos 50 — conta-se aqui. Enquanto essa história não é completamente apurada e contada.



Nesse imóvel, ouviu-se pela primeira vez a palavra rock em Vitória



“... E veio a pouca-vergonha”: flagrantes do que restou do antigo cinema

pra daná. O Politeama era um barracão de zinco. Quando chovia, ninguém ouvia nada por causa do barulho. Tinha rato como o diabo, goteiras... era o chamado pulgueiro. Lá, passaram seriados como O Fantasma, Dick Tracy, o cowboy Tom Mix e outros”.

PROVINCIANA POLIVALÊNCIA

O Cine-Teatro Glória, da década de 40 e também dos Cerqueira Lima, disputou a preferência do público por muito tempo com o Trianon e o TCG, que fechou em 67 para ser reformado pela Fundação Cultural e ser definitivamente transformado em teatro.

Isto, até o aparecimento do São Luiz, em meados dos anos 50, com inegável superioridade técnica em relação aos demais. O Santa Cecília seria inaugurado entre os anos 59 e 60 — vindo depois o Vitória, o Juparanã e o Odeon (os três extintos).

Conclui-se, imediatamente, que existia mais cinema em Vitória quando Hollywood vivia seu auge o que é apenas uma constatação, e não um argumento em favor da cínica tese dos exibidores de que a indústria de cinema brasileira e a legislação de proteção ao filme nacional só vieram trazer prejuízos.

Nos anos 50, televisão não havia no Espírito Santo. A TV Vitória, antigo canal 4, é de 1960, embora a primeira emissora brasileira — a TV Tupi — tenha sido criada 10 anos antes. Em compensação, a população urbana, especialmente, vivia ligada num aparelho de rádio qualquer. “A Rádio Espírito Santo, na qual trabalhei fazendo programação de cinema, música, etc. de 57 a 62, era há 30 anos atrás muito mais importante e melhor equipada do que hoje. Era uma emissora altamente organizada, tinha orquestra, dois regionais, coral, programa de auditório, equipe de jornalismo, dois estúdios...”

A Universidade Federal do Espírito Santo era, então, um projeto; a industrialização não era mais que “uma luz no fim do túnel”. Exemplo da Vitória-província dos anos 50: durante um certo tempo, Marien era, simultaneamente, o crítico de cinema dos três diários da cidade, A Gazeta, A Tribuna e O Diário. “Escrevia com meu nome n’A Tribuna, n’A Gazeta como M. Calixte e com as iniciais n’O Diário, onde fui substituir Arthur Carlos Gerhardt Santos”.

Pois é. O tecnocrata, ex-

O mesmo ocorreu com a senhora que não pára de falar da sujeira, das moscas, etc. "O que eu queria realmente é que derubassem essa porqueira", diz. "Não sei como a Prefeitura deixa uma coisa assim. Em nenhum lugar de Vitória, nem na Vila Rubim, existe uma nojeira dessa". Mas ela não quis aparecer publicamente. "Isso é coisa para homem" justificou.

"seu Danúcio, outro que mora perto do Trianon, já denunciou o problema no jornal e na TV, chamou a Polícia, procurou políticos, mas nada disso adiantou. Nem "derrubaram a porqueira" nem acabaram com o lixo que se vê na rua, entre a casa de "Seu" Danúcio e o Supermercado Morita.

O DONO, O IMÓVEL, O CINEMA

"E ninguém sabe o dono. Quem é? Só indo na Prefeitura..." fala a senhora, aos brados. Bem, antigamente, tanto o cinema como o terreno eram de propriedade da família Delanos. Pertenciam ao ex-cônsul da França no Espírito Santo, George Delanos — cujos filhos, Roberto e Laércio (que trabalham no setor de terraplenagem), não parecem ter maiores informações a respeito.

Atualmente, George Delanos está na Europa, não podendo, portanto, fornecer mais elementos para se contar esta história. Mais tarde, de qualquer maneira, o Trianon passou às mãos de Edghar Rocha e Dionísio Abaurre, cujos filhos prosseguem trabalhando na área de exibição de filmes.

Abaurre e Rocha foram os últimos proprietários do Trianon — cujas sobras são, agora, de um comerciante (o dono da loja Solemat, na esquina da Avenida

"... E veio a pouca-vergonha": flagrantes do que restou do antigo cinema

República com a Florentino Avidos, e que pretendia construir no terreno ora vago um prédio).

Quanto à casa de espetáculos, informa o ex-crítico de cinema Marien Calixte: "Tinha mais de 500 lugares, uma tela imensa, cadeiras de madeira sem maior conforto, mas uma projeção de qualidade. Foi o primeiro cinema de Vitória a funcionar num bairro, fora do Centro, tendo sido revolucionário para a época".

Responsável pelo lançamento no Espírito Santo de obras famosas como **O Balanço das Horas**, **Juventude Transviada** ou **O Museu do Horror** (a primeira incursão mundial no cinema de terceira dimensão), o Trianon foi por quase duas décadas — embora ele tenha vivido seu auge nos anos 50, entrando depois num período da decadência — o ponto de encontro das famílias, especialmente dos jovens e dos intelectuais, de pequena burguesia da cidade.

ROCK, MODA, RAQUETE

O jornalista, ex-diretor da Fundação Cultural e artista plástico Marien Calixte acompanhou praticamente toda a existência do Cine Trianon. Como o também jornalista Adam Emil Czartoryski, que é quem lembra que, no começo, o Trianon só apresentava películas francesas.

Era grande a influência francesa nas culturas brasileiras — afinal, não existe uma só, certo? — a essas alturas do torneio. Mas nem tanto ao ponto de somente filme francês garantir o sucesso da casa. Assim, ficou em cartaz no Trianon, por exemplo **O Balanço das Horas**, com Bill Halley e The Comets, lançando o

açucarado **rock'n roll** (que nada tem a ver com o rock que conhecemos hoje).

Seja como for, o **Balanço das Horas** — como **Juventude Transviada**, dirigido por Elia Kazan e com James Dean — foi o precursor de um movimento sobre o qual não se pode dizer se foi maior seu peso econômico ou político-cultural.

A propósito do **rock** comportado de Halley, e da rebeldia contida de Dean, — ambos distantes, digamos, do som sem meias-palavras do **The Who**, **Rolling Stones**, etc. ou da contestação alucinante de Peter Fonda e Denis Hoper em **Sem Destino** — Marien se expressa assim: "A expressão juventude transviada até uns 10 anos atrás foi muito usada, inclusive marcou época, para designar o jovem com comportamento fora do padrão. Do jovem que usava camisetas, cabelos despen-teados, calça Lee, fumava na rua... foi também a primeira vez que se falou em tóxicos".

Parênteses: os tóxicos de então eram leves, e não eram uma prática social estabelecida em vastos segmentos da população (como na atualidade). Mas, enfim, foi também no Trianon que estreou **O Museu do Horror**, com Vincent Price.

"Esse filme" — conta Marien — "provocou muito medo e muitos risos em Vitória, foi um sucesso. Na entrada do cinema, você recebia um par de óculos, com uma lente de seda verde e outra vermelha. Com ele, você via algumas cenas em terceira dimensão, porque os médicos recomendavam para que não se usasse os óculos o tempo todo. Mas tinha uma cena histórica na qual, o cara ficava brincando com a raquete e uma bolinha, que ele

jogava nas pessoas e ia e voltava... Nessa hora, você colocava os óculos e tinha a impressão de que a bola ia bater em você. Lógico que a bolinha, que era presa à raquete por elástico, voltava. Mas muita gente ria, ficava com medo, era uma confusão enorme".

DE CINEMA, DE GEOGRAFIA

Experimentado cronista da capital do Espírito Santo, Marien Calixte lembra que o Trianon "foi o primeiro cinema de bairro inaugurado em Vitória". Crítico de cinema a partir de 1954 — quando entrou em **A Tribuna** — Calixte procurou mostrar o significado para Vitória da sala de exibição que funcionou em Jucutuquara por quase 20 anos.

"Era" — afirmou — "O tempo da pipoca, do amendoim torrado, do bate-papo e do algodão doce na porta do cinema. Na década de 50, o bairro mais requintado era a Praia do Canto, que vivia seu auge: lá, moravam os médicos, comerciantes, engenheiros, exportadores... Parte dos ricos morava no Parque Moscoso. E Jucutuquara, um bairro que eu consideraria proletário, que foi o local escolhido para receber esse cinema".

Chamar de proletário talvez seja exagero, mas o fato é que — como conta Marien — a ocupação de Jucutuquara se deu em dois momentos. Numa primeira fase, era uma região rural (período, séculos XVIII e/ou XIX, do qual o sobrevivente Solar Monjardim é um dos marcos).

Num segundo momento, possivelmente nos anos 30, Jucutuquara se urbaniza, tornando-se uma vila para funcionários públicos. Lembra Marien que, mesmo atualmente, nota-se o traçado

igual, as casas iguais em algumas ruas do bairro: é o pedaço duma foto desfocada do conjunto ali construído certa vez para o funcionalismo.

Local tradicional, Jucutuquara é onde ainda moram membros de conhecidas famílias capixabas como a família Monjardim, a família Fontana, a família Leão...O cinema? Ah, sim, o cinema.

O Teatro Melpômene, que funcionou até o início do século na Praça Costa Pereira (onde é hoje o Hotel Império), foi o primeiro lugar no qual os capixabas puderam assistir a filmes sem precisarem ir aos grandes centros do país. Como se sabe, esse teatro foi incendiado em circunstâncias obscuras.

O Cine-Teatro Carlos Gomes sucedeu ao Melpômene. Construído pelo famoso construtor André Carlone na década de 20, o TCG velho de guerra — uma cópia do Scalla de Milão/Itália sem a grandiosidade do original — apresentou muitos seriados depois que foi comprado pelo Governo Florentino Avidos, em 27 (o cinema foi explorado através

de arrendamento por Francisco Cerqueira Lima). Muitos desses seriados — como Tarzan ou o detetive chinês Fumanchu — devem ter encantado a população local com dinheiro para pagar uma entrada de cinema.

O Politeama, no entanto, foi a primeira casa a funcionar em Vitória exclusivamente como sala de projeção. Sobre ele (em cujo lugar, ergueu-se o Santa Cecília), diz Marien: "O dono desse cinema, que chegou a ser o maior cinema de Vitória, era Francisco Cerqueira Lima — o Francisco Miserute, um sujeito miserável

Pois é. O tecnocrata, ex-governador e atual diretor-presidente da CST já foi crítico de cinema. "Uma crítica mais sofisticada", afirma Marien, "era uma crítica bem mais refinada. Quando não tinham bons filmes aqui, Arthur falava do filme que fazia sucesso na Europa; ele era um apaixonado por cinema francês".

Sucedendo em **A Gazeta** o primeiro crítico de cinema capixaba — Henrique Dias de Castro, o **Hendicas**, morto em 58 — Marien coloca sobre seu trabalho como comentaristas de cinema: "Eu sempre fiz uma crítica mais para o grande público. Uma crítica mais popular, com os erros e acertos do filme, com foto de artistas, analisando a performance dos atores. E era uma crítica que se lia, influenciava: o dono do cinema ficava p. com a gente quando criticávamos o filme, porque o público não ia".

"No Glória" — relembra Marien Calixte — "era engraçadíssimo. O pessoal do **society** não queria enfrentar fila e mandava a garotada comprar em troca de um ingresso. Eu mesmo já comprei entrada para esse pessoal para poder ver **Roma, Cidade Aberta**, de Rossellini, ou **Ladrões de Bicicleta**, de Vittorio de Sica".

Isso no centro de Vitória. Fora os cines do interior ou de periferia, como o América em Jardim América, o Hollywood na Glória ou o De Lourdes, em Vitória, na Avenida Marechal Campos.

Quanto ao Trianon, comenta assustada a vizinhança que saiu o cinema, veio a pouca-vergonha. Entre a sujeira e o mato que ocuparam o imóvel em ruínas, dizem que tem de tudo: desde casais despuddorados, imagine só, até maconheiros ou depredadores do patrimônio privado (que é como se pode chamar alguém que rouba). Uma loucura, só vendo...